

O PAPEL DAS SOCIEDADES LITERÁRIAS PAULISTAS NA CONSTRUÇÃO DO ESCRITOR NACIONAL

MILENA DA SILVEIRA PEREIRA*

Em 1833, a *Revista da Sociedade Filomática* (1833/1977, p. 3), órgão oficial da *Sociedade Filomática*, trazia no início de sua introdução, assinada por Carneiro de Campos, Bernardino Ribeiro e Silveira da Mota, os seguinte dizeres: “Associação! Tal é o destino da Humanidade. Tal a convicção universal, espontânea e instintiva do gênero humano”. Tempos depois, Couto de Magalhães, em 1850, sobre essa sociedade declarava: “só quem aprecia de longe estes fatos é que pode avaliar a sua importância; desde a fundação desta Sociedade para cá plantou-se uma idéia na mocidade e foi: que nas letras, como em tudo o mais, a união faz a força” (MAGALHÃES, 1850/1963, p. 19).

Afirmações dessa natureza, que destacam a necessidade de associar-se e manifestam a convicção da importância das sociedades culturais para o desenvolvimento da cultura das nações, foram típicas desse tempo. Na década de 30 do Oitocentos brasileiro, pode-se dizer, houve um “boom” de associações no país, ou seja, após a abdicação de D. Pedro I, em 7 de abril de 1831, um clima de agitações, revoltas, definições políticas e afirmações patrióticas e nacionalistas tomou conta do país. Contagiadas, por esse cenário, apareceram inúmeras agremiações públicas no Brasil, especialmente de caráter político. Só neste ano de 1831 foram criadas mais de cem sociedades, isto é, surgiu uma lista incontável de agremiações interessadas em promover as áreas mais diversas: a instrução, a ciência, a indústria e comércio, as artes mecânicas, a música, as belas artes; muitas das quais se destacam pela efemeridade. Moreira de Azevedo, no estudo mais completo até hoje publicado sobre associações, acerca desse “boom” de sociedades, ressalta que

em 1831 adquiriu o espírito público amplo desenvolvimento, e sirva de prova mais de cem sociedades científicas, políticas e industriais, que então se criaram no Império. Logo após a abdicação de Pedro I desenvolveu-se o espírito de sociabilidade, proclamando a união do povo (AZEVEDO, 1885, p. 294).

* Doutoranda em História e Cultura Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da UNESP/Franca, com financiamento da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Essa nova fase, depois da chamada *Revolução de 7 de abril*, quando teve início um movimento empenhado em promover a atualização e o progresso da cultura nacional, marca, ainda, o despertar das agremiações de caráter literário, até então muito tímidas ou quase nulas. Francisco de Sales Torres Homem, a esse respeito, em 1833, num discurso dirigido ao Instituto Histórico da França, ao abordar a pobreza de instituições culturais no país até aquela data, lamentava: “nenhuma academia, nenhuma instituição literária” (HOMEM, 1833/1978, p. 106/107).

No rol das sociedades literárias surgidas nessa época com o propósito de alterar aquele quadro da carência de instituições literárias denunciado por Torres Homem estava a *Sociedade Filomática*, primeira contribuição da Faculdade de Direito de São Paulo para a atividade literária no Brasil. As sociedades filosóficas estavam, como destaca o estudioso do romantismo e organizador da reedição da revista desta instituição, Antonio Soares Amora, por volta dos anos de 1830, em moda na Europa. Essas eram entidades, como o próprio nome indicava, “amigas do aprender” e, como tais, empenhadas em proporcionar, “a sócios e aos que estivessem sob sua ação, a oportunidade de se porem a par do estado atual de todos os conhecimentos, particularmente os chamados conhecimentos úteis” (AMORA, 1967, p. 82).

Sob a direção de Francisco Bernardino Ribeiro, alguns estudantes e professores da Faculdade de Direito de São Paulo reuniram-se, em 1832, para criar esse grêmio. Entre os fundadores estavam José Inácio Silveira da Mota, Carlos Carneiro de Campos, José Joaquim Fernandes Torres e Tomás Cerqueira, além dos estudantes Justiniano José da Rocha, Antônio Augusto de Queiroga, João Salomé Queiroga e José Marciano Gomes Batista. Foram esses homens, descontentes com o descompasso do Brasil em relação aos progressos do século e objetivando contribuir para mudar esse quadro, que lançaram, em 1833, a *Revista da Sociedade Filomática*. Tal publicação trazia na introdução, assinada por Carneiro de Campos, Bernardino Ribeiro e Silveira da Mota, os seguintes objetivos:

Foi seu fim criar um pequeno centro de luzes dispersas [...] e incitar maiores capacidades a reunirem-se para proveito geral. [...] O órgão da Sociedade é a Revista Filomática, que agora aparece. Seu timbre e sua única meta serão – coadjuvar a marcha lenta, mas sempre progressiva, da civilização brasileira com todos os esforços, ainda que minguados, que se compadeçam com a debilidade de suas forças – seus meios – a publicação de memórias úteis sobre as Ciências e a Literatura –; a crítica das Obras notáveis que aparecem em nosso país –; a notícia do que forem tendo de mais interessante os Povos cultos (1833/1977, p. 14-15).

Essa tentativa de influir no cenário social e cultural do Brasil e o papel dado à literatura foram os legados mais fortes deixados pela *Sociedade Filomática*, atuando, nesse sentido, como um importante veículo de formação das sociedades literárias estudantis paulistas que viriam depois. Os trabalhos que se dedicaram ao estudo dessa agremiação apontam que, embora efêmera, a *Sociedade Filomática*, e especialmente a sua revista, tiveram um papel significativo nos primórdios do romantismo e da crítica literária brasileira. José Aderaldo Castello, por exemplo, afirma que ela “é um marco inicial de um movimento de sociedades culturais e de revistas que traduziriam muito bem a efervescência literária, crítica e criadora” (CASTELLO, 1999, p. 178). Soares Amora, igualmente, ressalta que “não é difícil chegar a conclusão de que o saldo deixado pela *Sociedade Filomática*, em matéria de ‘princípios ativos’ para a literatura nacional em gênese, não foi despiciendo” (AMORA, 1967, p. 85).

A *Sociedade Filomática*, desse modo, pode ser vista como o primeiro esforço em conjunto de valorização da literatura brasileira. Couto de Magalhães, em 1850, por exemplo, declara que a *Filomática* teve como consequência “desenvolver o entusiasmo pela glória literária, por em relevo alguns talentos verdadeiros, e preparar para a vida da imprensa essa primeira mocidade” (CASTELLO, 1972, p. 229). Essa pioneira, como se vê, juntamente com o grupo que lançou em Paris a *Nitheroy - Revista Brasiliense* (1836), foram os primeiros empreendimentos no sentido da formação de uma consciência crítica que deveria orientar os escritores e os destinos literários do Brasil.

A partir dessas afirmações, cabe indagar: qual o papel das sociedades literárias surgidas em São Paulo no século XIX na construção do escritor nacional, ou seja, as prescrições presentes nos escritos desses grêmios cumpriram algum papel decisivo para definir modelos de escritor daquele tempo?

Antes, porém, vale destacar que o público leitor no Brasil oitocentista era ainda muito restrito, sendo a sua maior parte composta pelos escritores, ou seja, os produtores de cultura eram os próprios consumidores, sobretudo no caso das revistas literárias. Entre as revistas das associações literárias do século XIX, iniciaremos pelo ensaio crítico de Justiniano José da Rocha sobre a coleção de poesias de D. J. Gonçalves de Magalhães, publicado no 2º número da *Revista da Sociedade Filomática*. J. J. da Rocha inicia o texto defendendo como o estudo da crítica é necessário para o progresso das

letras e diz, como de praxe na época, que tomou para ele “a espinhosa tarefa de abrir esta vereda no campo da Literatura” (ROCHA, 1833/1977, p. 48). Rocha, assim como seus contemporâneos, acreditava que os seus escritos estavam ajudando a trilhar o caminho das letras e, com esse intuito, alerta os leitores sobre a situação da literatura brasileira naquele momento, mostrando como a poesia entre nós era pouco cultivada, em razão do pouco apreso dado a ela. Segundo o autor, depois de o Brasil ter se tornado livre do jugo colonial, era hora de “toda a atividade de nosso engenho dirigir-se para o estudo das letras, e das ciências; a poesia sobretudo, esse manancial de gozos perenes, deve-se agora abrir os seus tesouros” (ROCHA, 1833/1977, p. 49).

J. J. da Rocha, continuando suas prescrições, ressalta a necessidade de se cantar a Natureza, que, nas suas próprias palavras, “inda oferecem quadros tão virgens como ela ao poeta que os quiser pintar”. Além disso, destaca que a poesia daquele tempo não era uma reunião de “sílabas harmoniosas” e não devia só satisfazer os ouvidos, devia sim “penetrar os corações, e neles derramar seu bálsamo consolador” (ROCHA, 1833/1977, p. 51). E mais ainda, afirma que a “árvore da literatura” estava plantada e os suores desse autor, “bem pouco fertilizadores, não serão negados: feliz se vejo em breve desabrochar seus delicados pimpolhos” (ROCHA, 1833/1977, p. 52).

Depois desse primeiro empenho dos membros da *Sociedade Filomática*, é somente na década de 50 que começaram a proliferar agremiações literárias em São Paulo e este ponto do país vai se destacar como importante centro de cultura para onde convergiam as atenções gerais. Antes, porém, de apresentarmos os trabalhos desses grêmios, vale pontuar que durante a década de 1840 não surgiu qualquer associação literária em São Paulo, ao contrário do que ocorria no Rio de Janeiro, na Bahia e em Pernambuco.

A primeira dessas associações foi a *Sociedade Ensaio Filosófico Paulistano*, fundada em 3 de março de 1850. Teve como presidente de honra o Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, diretor da Faculdade de Direito, e presidente efetivo, em 1857, Lafaiete Rodrigues Pereira. Entre os sócios estava a fina flor da intelectualidade acadêmica daquele tempo, a saber, Ferreira Viana, Paulino José Soares de Sousa, Félix da Cunha, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, José Bonifácio, o moço, e o mais talentoso poeta brasileiro de sua geração, Álvares de Azevedo, idealizador e fundador da entidade. A voz dessa sociedade na imprensa era a *Revista Mensal do Ensaio*

Filosófico Paulistano, lançada em maio de 1851 e tida como o mais importante dos periódicos da época romântica que circularam em São Paulo. José Aderaldo Castello afirma que esta revista constituiu uma “amostra excelente” do pensamento da época, na filosofia, direito, história e literatura, sendo possível encontrar entre suas páginas “a questão do sentimento nacionalista e do sentimento da poesia brasileira” (CASTELLO, 1963, p. 73).

No que se refere às publicações dessa associação, Macedo Soares, por exemplo, em um dos seus ensaios, vai afirmar que a nacionalidade das literaturas “não é uma utopia, nem um sonho vão”, mas sim é um “produto necessário das leis que seguem o desenvolvimento histórico da humanidade, existe e se revela, clara e evidentemente em todos os monumentos do espírito humano” (SOARES, 1859/1963, p. 74). Esse crítico sinalizava para os escritores que já era hora de se manifestar na literatura o “espírito brasileiro”; era necessário algo novo, ou seja, a poesia não poderia mais vaguear sem rumo. Igualmente destaca, porém, que os efeitos da nacionalidade já começavam a agir sobre as letras: “o verbo do gênio da floresta havia-se encarnado na linguagem dos filhos do Brasil. Estava dada a primeira palavra da arte nacional” (BASTOS, 1860/1963, p. 123). As idéias de Macedo Soares, assim como as de J. J. Da Rocha, pontuadas acima, mostram, portanto, a preocupação desses letrados em assinalar para a intelectualidade a necessidade de nacionalizar a literatura.

Na *Revista Trabalhos Literários*, órgão oficial da *Sociedade Fênix Literária*, fundada, em 1860, por acadêmicos da Faculdade de Direito, do mesmo modo, estão presentes dicas de como deveria ser o escritor, especialmente o poeta. O ensaio de Paulo Egídio, intitulado *Apontamentos Literários*, destaca a missão grandiosa que os poetas têm, pois “eles são escolhidos para fazer sentir a um povo idéias, em que todos comungam, mas que só calam profundamente em seus corações!”. Sugere inclusive aos poetas que é natural que um “filho do Brasil, na aurora da existência, soletre em poéticas canções os sentimentos, as impressões de sua alma à vista da majestade de sua mãe-pátria”. E dando continuidade as suas sugestões, Egídio incita os escritores, bem como fizeram os outros autores apresentados, a cantarem a pátria:

Tanto maiores troféus àqueles, que primeiro acordado aos sons das catadupas de sua pátria, descortinara o manto azulado das densas florestas, que se estendem por seu imenso território, e sagrara na lira o nome do seu país natal!” (EGÍDIO, 1861/1963, p. 252).

Nas páginas dessa revista estão presentes, ainda, alguns questionamentos sobre a situação da literatura e dos escritores nacionais. A *Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano*, por exemplo, levantou as seguintes questões: “qual o caráter da poesia moderna em geral, e da poesia brasileira em especial?”; “é justo o título de chefe da literatura brasileira dado ao Sr. Domingos José Gonçalves de Magalhães? Sobre essa última resposta, a propósito, Luis Ramos Figueira vai defender que a glória de Gonçalves de Magalhães é inegável, mas uma literatura como a nossa não pode ter chefes, ou seja,

*Todos são soldados do belo, todos, todos, cantam a pátria e sua glória;
porém, o chefe ainda não veio.
Nem se tomem por tais os conselheiros prudentes, que não confirmam as
palavras com exemplos sublimes. Esses preparam o caminho mas não
marcham, nem comandam; a mocidade bebe inspirações nessa natureza, nos
costumes, e na melancolia pelo atraso do país e todos cantam. O chefe, por
hora é a imaginação do brasileiro, é ela que inicia e tem iluminado o
caminho da literatura (FIGUEIRA, 1864/1963, p. 176).*

Como se vê, essas sociedades buscaram afirmar uma posição literária, que, é sabido, foi bem ao gosto do romantismo. Os jovens letrados paulista, fundadores de agremiações, tinham grandes preocupações com os destinos literários e, pode-se afirmar, estiveram na cabeceira do movimento da crítica cultural entre nós. Nessas associações, os seus sócios reuniam-se para debater os mais diversos assuntos de filosofia, literatura, história e até metafísica. Pessanha Póvoa, um dos membros da *Sociedade Ensaio Filosófico Paulistano*, resumiu, certa vez, a importância dessas agremiações da seguinte maneira: “das academias, onde o vício ainda não tem manchado o coração, onde a intriga e a perfídia não têm com presteza ensaiado seus dramas, é que a verdade deve ir inconcussa guiar a multidão incauta e ignorante”. E mais, “conclui-se que das associações é que devem sair aptidões para dirigirem o destino dessas sociedades” (PÓVOA, 1860/1964, p. 111).

As possibilidades de análise aqui são muitas, contudo, a partir desse levantamento prévio, podemos concluir que o escritor definido pelas associações literárias deveria ser aquele que canta a pátria, que ajuda a trilhar novos rumos da literatura e, sobretudo, exalta, em seus escritos, a necessidade de nacionalizar não apenas a literatura, mas todos os segmentos da vida brasileira. As sociedades literárias de São Paulo, nesse sentido, empenharam-se em formar uma consciência crítica que deveria orientar a nossa criação literária, especialmente no sentido de revigorar a sua

originalidade e definir a sua nacionalidade, como ficou claro nos discursos da *Revista da Sociedade Filomática* – cuja influência nas sociedades surgidas depois em São Paulo é significativa. Além de instruírem os jovens escritores, esses grêmios ainda possibilitaram um maior espaço para a mocidade que estava despontando, pois cada sociedade tinha a sua voz na imprensa. As associações literárias acadêmicas, portanto, malgrado a efemeridade desses movimentos, cumpriram papel decisivo na formação do escritor oitocentista, o qual se tornou peça chave na construção do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORA, A. Soares. **O Romantismo**. São Paulo: Cultrix, v. 2, 1967.

AZEVEDO, D. Moreira de. Sociedades fundadas no Brasil desde os tempos coloniais até o começo do atual reinado. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Laemmert, t. 48, 1885.

BASTOS, Tavares. Ao meu Amigo Joaquim Cândido de Azevedo Marques, a propósito de seu Drama [1860]. In: CASTELLO, José A. **Textos que Interessam à História do Romantismo**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, v. II, 1963.

CASTELLO, José A. **A Literatura Brasileira: origens e unidades (1500-1960)**. São Paulo: Edusp, 1999.

_____. Manifestações literárias do período colonial: 1500-1808/1836. São Paulo: Cultrix, 1972.

_____. **Textos que Interessam à História do Romantismo**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, v. II, 1963.

EGÍDIO, Paulo. Apontamentos de Literatura [1861]. In: CASTELLO, José A. **Textos que Interessam à História do Romantismo**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, v. II, 1963.

FIGUEIRA, Luis Ramos. Parecer [1864]. In: CASTELLO, José A. **Textos que Interessam à História do Romantismo**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, v. II, 1963.

HOMEM, F. S. Torres. Resumo da História das Ciências do Brasil. In: DEBRET, J. B. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, t. II, v. 3, 1978.

MAGALHÃES, J. V. Couto de. Fundação da Academia - Trabalhos da Mocidade - Associações - Jornais. In: CASTELLO, José A. **Textos que Interessam à História do Romantismo**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, v. II, 1963.

Revista da Sociedade Filomática [1833]. Ed. facsimilar. São Paulo: Metal Leve, 1977.

PÓVOA, Pessanha. **Anos Acadêmicos**: São Paulo (1860-1864). Textos que Interessam à História do Romantismo. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1964.

ROCHA, Justiniano J. da. Ensaio Crítico sobre a Coleção de Poesias do Sr. D. J. G. Magalhães. **Revista da Sociedade Filomática**, São Paulo, n. 2, jul. 1833. Ed. facsimilar. São Paulo: Metal Leve, 1977.

SOARES, Macedo. Harmonias Brasileira [1859]. In: CASTELLO, José A. **Textos que Interessam à História do Romantismo**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, v. II, 1963.